



O CÂNTICO DO SILÊNCIO EM *LA FLAMME D'UNE CHANDELLE* DE GASTON BACHELARD

The Canticle of Silence in The Flame of a Candle by Gaston Bachelard

Alberto Filipe Araújo *

Resumo: Ainda que Bachelard não explicitamente satisfatoriamente o tema e a vivência do silêncio no seu texto *La flamme d'une chandelle* (A chama de uma vela — 1961), tal não nos deve impedir que nos interroguemos sobre o referido tema. Com este objetivo, procuraremos, ao longo do nosso estudo e num primeiro momento, rastrear, dos pontos de vista do imaginário (“sonhar os devaneios”) e da filosofia (“pensar os pensamentos”), passagens que de algum modo reflitam o silêncio nas suas manifestações, ainda que mais indizíveis, o que não é, como se admite, uma tarefa fácil porque o silêncio na obra encontra-se ao nível latente. Num segundo momento, procuraremos refletir, do ponto de vista filosófico-hermenêutico, sobre o conjunto de imagens recolhido sobre o silêncio e afins, não deixando de lado a dimensão educacional subjacente ao longo da reflexão.

Palavras-chave: Gaston Bachelard, Chama de uma Vela, Silêncio, Imaginário. Solidão.

Abstract: Bachelard, in his text *La flamme d'une chandelle* (The Flame of a Candle) - 1961, does not explicitly address the theme of silence or its experience. However, this should not prevent us from discussing the topic. Bearing this in mind throughout our study, we will first try to trace passages that, somehow, reflect silence and its manifestations, even the most inexpressible ones. We will

* Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade do Minho (Braga – Portugal). Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Membro integrado do Centro de Investigação em Educação (CIEd) do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Artigo recebido em 03/02;2018 e aprovado para publicação em 18/10/2018.

do so from the point of view of the imaginary (“day dreaming”) and of philosophy (“thought thinking”). Admittedly, this is not an easy task since silence is latent in the text. From a philosophical and hermeneutic point of view, we will then try to reflect on a collection of images of silence or associated to silence, without neglecting the educational aspect behind our reflection.

Key-words: Gaston Bachelard.-, Flame of a Candle, Silence, Imaginary, Loneliness.

« On s’endort devant le feu. On ne se endort pas devant la flamme d’une chandelle »

Gaston Bachelard, *La flamme d’une chandelle*, p. 10.

« La page blanche impose silence »

Gaston Bachelard, *La flamme d’une chandelle*, p. 109.

Introdução

Ainda que Bachelard não explicitasse satisfatoriamente o tema e a vivência do silêncio no seu texto *La flamme d’une chandelle* (*A chama de uma vela* segundo a tradução brasileira – 1961), a verdade é que também por isso esta obra nos interpela designadamente quanto ao poder simbólico do fogo/chama e do silêncio enquanto pares fantasmagóricos omnipresentes significativos do imaginário e da narrativa bachelardiana. Ao longo da leitura da obra, interrogamo-nos, inúmeras vezes, se ela não nos remeteria para uma experiência, quase mística, do silêncio ainda que sem propriamente dele falar. Por outras palavras, desde o seu título, que poderia bem ser uma “metáfora viva” (Paul Ricoeur) do próprio silêncio, até ao seu desenvolvimento temático fomos naturalmente experienciando um sentimento cada vez maior da importância do silêncio e da solidão que o envolve quer para o estudar e o pensar, quer para o “devaneio poético” (Gaston Bachelard). E neste contexto impõe-se-nos perguntar até que ponto o silêncio não poderia já contribuir, de *per se*, para equilibrar o “sonhar os devaneios” e “pensar os pensamentos”: “Sonhar os devaneios e pensar os pensamentos, eis sem dúvida duas disciplinas difíceis a equilibrar”¹. A resposta é que lendo o trabalho do autor é bem possível que possamos encontrar no silêncio um mediador credível entre a imagem (imaginação) e o conceito (ciência-filosofia)². Não será naturalmente uma resposta óbvia,

¹ BACHELARD, Gaston. *La poétique de la rêverie*. 8^e édition. Paris : PUF, 1984, p. 152.

² Eis um equilíbrio desejável e cheio de consequências no quadro de uma Filosofia da Educação centrada no conceito germânico de *Bildung* (do *Bildungsroman* — Romance de formação), cujo

nem nostálgica, e muito menos um reconforto psicológico, espiritual ou afetivo-existencial. Trata-se outrossim de uma reflexão que faz de *La flamme d'une chandelle* uma fonte de inspiração para melhor pensar o lugar das imagens e dos conceitos na nossa experiência laboriosa de pensar, de ler, de meditar e, em última instância, de contemplar.

Neste contexto, aquilo que se pretende é escutar o modo como a experiência do silêncio está presente na obra, não no sentido psicologizante mas no seu sentido filosófico-hermenêutico. Procura-se, realmente, entender como o silêncio se encontra presente na articulação do discurso do autor, isto é, no modo como a narrativa se desenvolve, e também desvelar as formas de que esse mesmo silêncio reveste. Com este objetivo, procuraremos, ao longo do nosso estudo e num primeiro momento, rastrear, dos pontos de vista do imaginário (“sonhar os devaneios”) e da filosofia (“pensar os pensamentos”), passagens que de algum modo reflitam o silêncio nas suas manifestações, ainda que mais indizíveis, o que não é, como se admite, uma tarefa fácil porque o silêncio na obra encontra-se ao nível latente. Daí que a nossa primeira parte se ocupe do imaginário da chama e do pensamento sobre ela. Numa segunda parte, procuraremos refletir, do ponto de vista filosófico-hermenêutico, sobre a solidão do silêncio diante da chama de uma vela sempre inseparável das imagens que dela se desprendem. Finalmente, dedicaremos a terceira parte à necessidade de se estudar e de se pensar na companhia de uma chama tradicional. Numa conclusão procuraremos ajudar a compreender o percurso reflexivo por nós abraçado.

1. Do imaginário da chama ao pensamento sobre ela

Todo o pensar diante de uma vela, com a sua chama vertical, postula um devaneio da imaginação que pressupõe sempre uma entrada no mundo simbólico sob o signo do fogo. E aqui a ação material do fogo reveste-se, em certas condições e ocasiões, de uma idealidade da luz que a chama da vela transmite enquanto substância viva, como substância poética. Deste modo, a chama parece bem simbolizar as energias do ser vivente em ordem à incandescência da meditação.

Relembrar que a chama, como fogo que é, é vida, é um imperativo quer do ponto de vista simbólico, quer do ponto de vista filosófico: a vida da chama e a chama da vida. Pela chama o ser consome-se purificando-se e renovando-se na tentativa, tantas vezes audaciosa, de encontrar o seu destino: “A chama tinha ainda tantas coisas para queimar. Na vida há

essencial, pode resumir-se no famoso verso de Goethe: *Stirb und werde!* (Morre e devém!” — GOETHE, Johann Wolfgang von. *Selige Sehnsucht*. In: *Westöstlicher Divan*. Hamburger Ausgabe, vol.2. Hamburg: Wegener Verlag, 1965, p. 19).

também tantas coisas para se reacender!”³. Uma procura que envolve o filosofar, que é já de *per se* meditação acompanhada de devaneios despertos.

1.1. O imaginário da chama

Gaston Bachelard considera que a chama é um dos grandes “operadores de imagens” capazes de suscitar o devaneio da imaginação: “A chama força-nos a imaginar. Diante de uma chama, desde que se sonha, aquilo que se percebe não é nada comparado ao que nós imaginamos”⁴. Diante de uma chama, à semelhança do farol que ilumina a noite escura da imensidão oceânica, somos levados a imaginar e a meditar longamente sobre as imagens por ela engendradas. A chama como que incendeia a nossa alma imaginativa dando-lhe uma vida e uma nova vitalidade até aí desconhecidas. Podemos dizer que ela é um suplemento de alma e para a alma. E porquê? Porque a chama, no dizer de Bachelard, é uma verdadeira imagem que é como um elã vital da imaginação e, como tal, não pertence mais a este mundo para se acolher no mundo imaginado e imaginário. Assim, diante da chama, enquanto imagem imaginada, o sujeito experiencia o cume, toca no âmago do devaneio (*rêverie*) que não é outra coisa que o “devaneio poético” (*rêverie poétique*). A chama, através da sua magia encantatória, ativa e desperta no sonhador toda uma imaginação poética, cosmológica, onírica que bem pode constituir a sua razão e verdade de ser e representa mesmo um futuro para si.

É preciso, pois, dizer que o sonhador diante de uma chama de vela se inflama e se abrasa deslocando-se de devaneio em devaneio, à semelhança de uma borboleta ou abelha, até pousar o seu olhar no devaneio primordial, no cume dos cumes. Trata-se de uma visão prístina do ser e da vida que o religa a todo um passado arquetipal e longínquo. Daí se poder compreender que a sua admiração pela chama em si, e por tudo aquilo que ela representa, constitua uma admiração inata, ou seja, arquetípica. A experiência por si vivida não somente lhe diz respeito a si, mas não deixa de estar enraizada no transfundo da alma universal onde se encontra a chama original do mundo. Deste modo, aquele que admira e contempla a chama não pode deixar de crescer psiquicamente e existencialmente, ou seja, o seu mundo alarga-se pela presença da chama iluminante: “A chama é um mundo para o homem só”⁵. Ela constitui-se como uma imagem verdadeira que excita a nossa imaginação e que, por sua vez, não podemos deixar de encarar como “imagem falada” que, como tal, já não deixa de ser de certa maneira uma metáfora da lentidão, da quietude, da contemplação, da mansidão e da familiaridade.

³ BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*. 3^e édition. Paris: PUF, 1996, p. 67.

⁴ *Ibid.*, p. 1.

⁵ *Ibid.*, p. 4.

Todo aquele que convive com o claro-oscuro emanado da pequena chama interroga-se e deslumbra-se perante a visão íntima que essa mesma convivência desperta em si-mesmo. Ninguém pode ficar indiferente ao brilho que provém das pequenas chamas, pois pensamos que é esse mesmo brilho que ilumina o pensamento e a consciência diurna daquele que estuda e pensa. O pensamento pode invernizar, pode repousar, mas as imagens, pela sua parte, nunca abandonam o seu posto: elas vigiam aquele que a elas se devota. A chama é vigilante da nossa consciência diurna e do nosso devaneio porque diante da chama de uma vela ninguém ousa adormecer enquanto diante do fogo incandescente de uma lareira o sono aparece e domina o sujeito diante dela. A chama, como imagem, é amiga daquele que a pensa e sonha em *anima* e não em *animus*. Para saboreá-la é preciso encará-la como ela é e não como significado de outra coisa, como o faz a psicanálise quando analisa o sonho noturno que se diferencia do devaneio (*rêverie*) poético. A chama íntima ajuda a melhor compreender o ser daquele que sonha. Acompanhado da pequena luz, o sonhador poético torna-se mais sensível à intimidade de si-mesmo, do outro e do próprio mundo. O que lhe dá maior sensibilidade é a sua solidão diante da chama da vela que já é ela mesma também solitária: “Graças à chama, a solidão do sonhador não é mais a solidão do vazio”⁶ (1996: 13). A chama de uma vela, ao contrário de representar uma imagem do vazio, aparece como “uma imagem da solidão” (1996: 13) o que é naturalmente diferente. O ser que convive com esta imagem solitária, e que a aprecia, é necessariamente alguém que sente o silêncio como um bálsamo espiritual em tempos de ruídos tortuosos. Solidão e silêncio são almas gêmeas que funcionam como antídotos numa sociedade em que o “achar” substituiu o “pensar” e a gritaria comunicacional (potencializada pelo *Skype*, *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, etc.) matou inexoravelmente os espaços do silêncio. Estes dizem-se, ainda que de modo diferente, pelas imagens da vela cuja chama clama pelo alto e da ampulheta cuja fina areia procura o baixo: “Gostaria sonhar no momento, com a duração que escorre e com a duração que se desvanece, se eu pudesse reunir na minha cela imaginária a vela e a ampulheta”⁷ .

A imagem da chama ultrapassa a simples metáfora, ainda que seja uma imagem que dê não só que falar, mas também que pensar. A imagem do poeta, do sábio, enfim do Mestre, recebe da simples chama uma excitação hormonal de sentido. Por outras palavras, a pequena luz despendida da chama é maior psiquicamente do que ela: uma luz pequena capaz de tornar a alma grande. Mais, “A chama ilustra a solidão do sonhador; ela ilumina a frente pensativa. A flama é o astro da página branca”⁸. Assim, vemos que a chama da vela não é somente, a título decorativo, alegórico,

⁶ *Ibid.*, p. 13.

⁷ *Ibid.*, p. 24-25.

⁸ *Ibid.*, p. 13.

mesmo metafórico, uma imagem da solidão estéril, mas antes uma chama que simboliza a solidão criativa e iluminante do ser que o lança na escrita da página branca. Numa palavra, a chama da vela é um símbolo criador e transfigurador e não tão-somente uma metáfora da realidade de uma chama que alumia e ilumina: “A imagem demonstra, o simbolismo afirma”⁹. A chama escapa deste modo à garra da metáfora porque a chama vivida como objeto do devaneio faz com que

as mais frias metáforas se tornem realmente imagens. Enquanto as metáforas afirmam-se frequentemente como deslocamentos de pensamentos, com uma vontade de dizer melhor, de dizer de outro modo, a imagem, a verdadeira imagem, quando ela é vida primeira na imaginação, abandona o mundo real para o mundo imaginado, imaginário¹⁰.

Eis aqui manifestamente o coração do tema do imaginário da chama porque se ela, por um lado, demonstra, isto é, vai mais além do mostrar e do deixar ver, esforçando-se por convencer também, já, por outro lado, a simbólica, que na dupla linguagem traduz o material em espiritual, de que essa mesma chama está impregnada, afirma a sua história e a sua tradição provenientes de uma multiplicidade de origens enraizadas certamente num onirismo profundo que procura exprimir e libertar-se pela altura: “O devaneio verticalizante é o mais libertador dos devaneios”¹¹. É através das imagens da verticalidade que entramos no reino dos valores: “Comungar por meio da imaginação com a verticalidade de um objeto reto, é receber o benefício das forças ascensionais, é participar do fogo escondido que habita as formas belas, as formas seguras de sua verticalidade”¹². E a imaginação nos conduz naturalmente à chama que aponta para o alto, para a chama que assume a sua forma natural – a altura: “Quando se sonha um pouco com forças que mantêm em cada objeto uma forma, facilmente imagina-se que em todo o ser vertical reina uma chama. Em particular, a chama é o elemento dinâmico da vida reta”¹³.

Compreende-se, então, que a contemplação que a chama é capaz de proporcionar ultrapassa a leitura e o pensamento despoletado pelo saber de velho livro. Ela desperta no leitor devaneios, sonhos embebidos pela seiva da simbólica ascensional e da própria verticalidade, que o anima e catapulta para um universo purificado do *logos*: “Se a chama ilumina o velho livro que fala da chama, a ambiguidade dos pensamentos e dos devaneios é extrema”¹⁴. A simbólica da chama é sempre anunciadora de

⁹ *Ibid.*, p. 30.

¹⁰ *Ibid.*, p. 2.

¹¹ *Ibid.*, p. 57.

¹² *Ibid.*, p. 57.

¹³ *Ibid.*, p. 70.

¹⁴ *Ibid.*, p. 31.

novas visões para o estudioso, para o sábio que, através delas, sente-se tentado a encontrar o seu destino normalmente encoberto: “Ora o mundo, na intimidade do seu mistério, quer o destino de purificação. O mundo é o germe de um mundo melhor, como o homem é o germe de um homem melhor”¹⁵.

1.2. O pensamento sobre a chama

A chama solitária suscita no sujeito que medita, no sonhador que medita, uma virtude de ascensão. Essa chama funciona como um guia ascensional e do devir, ainda que imaginário, que lhe propõe uma ascensão imaginária ilustrada por imagens da verticalidade: a chama solitária “é um modelo de verticalidade”¹⁶. Uma verticalidade benéfica para o psiquismo que faz com que ele troque os baixios do ser pela altitude contemplativa. A chama solitária e vertical simboliza uma conquista de sabedoria e de engenhosidade. A chama doadora de um tipo de luz claro-escuro induz o ser à leitura, ao estudo e, porque não, ao pensar, à recordação da vida familiar e da própria infância, e mesmo à contemplação e, no limite, ao êxtase místico ainda que raro. Pela chama, e pelo silêncio que ela própria inspira, o pensamento trabalha com mais afinco e, por conseguinte, a alma ganha em suplemento poético-simbólico.

A chama da vela, tão humanizada, é anunciadora de sendas, como pequena luz que é, por onde percorre o fio do pensamento sempre pronto a ser acolhido em espaços das antigas casas de outros tempos, em que a luz tênue da vela iluminava aquele que nelas se refugiava para se dedicar à leitura feliz. Sob a proteção vigilante da chama de uma vela o pensamento e a escrita daquele que escreve fluem naturalmente, ou seja, escorregam docemente pela página em branco ansiosa de receber a tinta fresca iluminada pela chama solitária. Neste sentido, a meditação que origina a escrita é inseparável dos “devaneios da poética dos espaços da intimidade”¹⁷. Se a luz emanada pela chama apela à recordação que acaba, tantas vezes, por ser vertida na e pela escrita, não é menos verdade que a recordação se desperta igualmente nas noites das casas solarengas de outrora, naquelas que têm uma alma ancestral e inspiradora, mas também nas cabanas perdidas das altas montanhas: “a chama de uma vela faz pensar os sábios; ela oferece mil sonhos ao filósofo solitário”¹⁸.

Se na mesa do filósofo os livros que lentamente instruem se revelam preciosos para o pensamento, não é menos importante a chama da vela que

¹⁵ *Ibid.*, p. 31.

¹⁶ *Ibid.*, p. 15.

¹⁷ *Ibid.*, p. 17.

¹⁸ *Ibid.*, p. 19.

sempre apela a pensamentos cada vez mais ousados acompanhados de imagens também elas sem limites. O filósofo, acompanhado na sua solidão silenciosa, sente-se não somente mais próximo do pensamento como igualmente do mundo. Mais, o filósofo incentivado pelo silêncio que a chama transporta sente-se mais próximo do mistério do ser e do cosmos graças também à sua vida tranquila. A chama faz pensar o sábio no silêncio das brumas que a noite sempre traz consigo. Por ela, e através dela, os velhos livros resistem a uma morte tantas vezes anunciada e sempre adiada. Um filósofo meditando carece de abraçar o reino da grande solidão e do grande silêncio. Por isso é que ele tudo faz para que a sua vida seja tranquila e delicada. Ele sabe que no seu ato de meditação basta, por vezes, uma distração, um leve grito, um incômodo mesmo que ligeiro, para o pensamento ser interrompido e evaporar-se nas entranhas do espírito. Pensar, à luz da chama da vela, exige horas de tranquilidade, de solidão e de um silêncio que é mais do que exterior, mas particularmente interior e significativamente prenhe. A chama só poderá guiar o pensador aos cumes e ao destino da verticalidade quando o silêncio acontece e se prolonga no interior daquele que pensa. A trilogia tranquilidade-solidão-silêncio é o fundamento do meditar e da contemplação, ou seja, do pensar, mas também do devaneio. Não é possível pensar e devaneio no seio do ruído. Ela é a condição para que ele abrace a calma à luz do trabalho incansável da chama que floresce a cada instante de cada página virada.

É neste clima, governado pela trilogia mencionada, que os diferentes saberes, especialmente os tradicionais, promovem devaneios vivos e encantatórios. Ao longo da leitura o Mestre segue o tatear da chama e é impregnado por ela ao ponto de se entusiasmar e de ficar inebriado pelos jatos saídos da “vida das imagens”¹⁹. Uma imagem é entusiasmante para o pensamento quando ela é simultaneamente onírica, cósmica e poética. Com estes contornos a imagem enriquece o pensamento e vice-versa sem cair, no entanto, na armadilha da metáfora morta sempre à espreita de ferir o pensamento para o empobrecer. Por isso mesmo deve o Mestre ter a lentidão do artesão para tecer os seus pensamentos e as suas imagens. Deve saber procurar o tempo lento e vertical que a vela acesa simboliza contrariamente à ampulheta que representa o tempo humano de modo mais pesado e descendente: “Chama ampulheta, na meditação tranquila, exprimem a comunhão do tempo ligeiro e do tempo denso. No meu devaneio, eles dizem a comunhão do tempo d’*anima* e do tempo d’*animus*”²⁰. Assim, a lição que se pode retirar da chama da vela, como o diz Bachelard, é maior do que a lição que nos é dada pela areia que desce da ampulheta. Trata-se de uma lição que solicita ao leitor atento que dirija o seu olhar para a noite silenciosa que o rodeia e que o habita, que abandone o tempo

¹⁹ WUNENBURGER, Jean-Jacques. *La vie des images*. Grenoble : PUG, 2002.

²⁰ BACHELARD, Gaston. *La flamme d’une chandelle*, p. 24.

da tarefa da leitura e do estudo, enfim, o tempo do pensamento. O tempo da chama induz ao devaneio poético e ao passeio nos espaços misteriosos do silêncio interior: “Sim, o leitor vigilante diante da chama não lê mais. Pensa na vida. Pensa na morte. (...) A chama é nascimento e morte fáceis. Vida e morte aqui podem ser justapostos”²¹.

Aquele que está desperto toca assim nos limites da existência guiado pela luz clara-obscura da pequena chama. As imagens da vida e da morte são imensas e variadas nos seus contrários multiformes. São estas mesmas imagens que incitam o sábio a fazer os seus jogos de pensamento e os filósofos a encetarem as suas dialéticas do ser e do nada. O equilíbrio entre a vida e a morte tende a perder-se, a fugir-nos do controlo porque pertence mais ao reino do sonho (simbolizado pela chama da vela) do que da lógica e da dialética: “Todo o sonhador da vela, todo o sonhador da chama pequena sabe isso. Tudo é dramático na vida das coisas e na vida do universo”²². Na companhia da chama de uma vela o devaneio cresce e amplifica-se produzindo ondas de vida e de morte sempre difíceis de equilibrar que, como tal, escapam a todo aquele que devaneia. Não há uma chama que se ergue nas alturas, mas sim duas: uma branca, benéfica, que ilumina com a ponta azulada no seu extremo, e outra, vermelha, ligada à madeira ardente da lareira. A primeira tem como vocação as alturas do céu enquanto a outra tem como vocação os baixios da terra. Ambas ardem e queimam mas diferentemente: uma conduz-nos ao pensamento e ao devaneio, a outra leva-nos antes a uma letargia arrastada de pequenas ideias. Assim, não admira que estejamos a falar do destino que também cada uma comporta, pois não é certamente a mesma coisa um destino clamar pelo alto, e outro deixar-se seduzir pelo baixo.

Falamos antes da verticalidade da chama²³, voltamos agora a ela por que essa mesma verticalidade abre um horizonte de valores: “A lição moral está pronta então: a consciência moral deve tornar-se a chama branca ‘queimando as iniquidades que ela abriga’. E quem queima bem queima alto. Consciência e chama têm o mesmo destino da verticalidade”²⁴. A verticalidade²⁵ aponta para o alto e é por isso que os devaneios sobre o alto são significativos. Alimentam o nosso desejo de verticalidade, despoletam em nós o nosso instinto natural pela altitude vertical. A verticalidade, com tudo aquilo que ela implica, reincarna idealmente na chama da vela pousada na mesa de um algum sábio solitário. Uma verticalidade aparentemente frágil, mas não tão frágil como parece porquanto ela tantas vezes resiste ao sopro e ao vento. Parece que se vai extinguir, mas, inesperadamente,

²¹ *Ibid.*, p. 25.

²² *Ibid.*, p. 26.

²³ *Ibid.*, p. 56-69.

²⁴ *Ibid.*, p. 29.

²⁵ Sobre o tema da verticalidade, cf. BACHELARD, Gaston. *L’Air et les Songes. Essai sur l’imagination du mouvement*. Paris : Le Livre de Poche, 2004, cap (s). I e IV.

ela ergue-se heroicamente como “Uma força ascensional que restabelece os seus prestígios”²⁶. A chama é teimosamente vertical na sua vivacidade e desejosa de habitar o espaço da mesa onde se encontra ou mesmo daquele que a contempla. Existe nela como uma espécie de ansiedade para não decepcionar o espaço onde se encontra ou o olhar que sobre ela cai. Por isso, para aquele que sonha com uma chama verticalizante a sua vontade também se torna mais vertical e daí ser-lhe mais fácil erguer-se em situações difíceis: “Todos os idealistas encontram, meditando sobre a chama, a mesma estimulação ascensional”²⁷. Um erguer-se alimentado pelos grandes sonhos que as alturas despoletam na alma do sonhador, que, quando profunda, transborda a mera esfera pessoal daquele que sonha, diante da chama vertical: “A chama é tão essencialmente vertical que ela aparece, para um sonhador do ser, virada para um além, para um não-ser etéreo”²⁸. Daí não se estranhar que a chama ilustre a(s) transcendência(s) em si por que ela, e sublinhamos, é luz e esta é “o verdadeiro motor que determina o ser ascensional da chama”²⁹. Este ser, por sua vez, tem a sua origem no onirismo profundo do sonhador que quanto mais profundo for o seu sonho, mais qualidade e intensidade terão as suas reflexões. Por outras palavras, os pensamentos do sonhador alimentam-se qualitativamente da intensidade do seu onirismo profundo por cuja chama é desperto: “Não se pode deixar a luz esmorecer, É necessário apressar-se a despertá-la”³⁰.

Importa tomar consciência de que toda a chama contém em si uma moralidade latente que apela à atenção do sábio. Se este olha a chama branca, celestial, do ponto de vista moral, ele será recompensado porque essa mesma chama lhe abre as portas da moralidade do mundo, porque toda a chama branca e azulada não é em si um mero fenómeno mas símbolo de purificação ativa: “Ela se purifica-se no próprio ato que dá a luz”³¹, ainda que para isso seja à custa das impurezas queimadas ao mesmo tempo que a luz branca acontece: “A chama refinada, purificante, ilumina o sonhador duas vezes, pelos olhos e pela alma”³². Esta chama refinada não é só a luz branca da vela que ilumina a mesa de estudo do sobrevivente da noite, mas “O lugar natural para que tende a chama é um meio de moralidade. E é por isso que a chama e as imagens da chama designam os valores do homem como os valores do mundo. Elas unem a moralidade do ‘pequeno mundo’ a uma moralidade majestosa do universo”³³. Neste contexto, a chama não é mais um objeto da simples percepção, mas antes se converte num objeto filosófico de alcance moral que importa

²⁶ BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*, p. 58.

²⁷ *Ibid.*, p. 62.

²⁸ *Ibid.*, p. 59.

²⁹ *Ibid.*, p. 62.

³⁰ *Ibid.*, p. 69.

³¹ *Ibid.*, p. 30.

³² *Ibid.*, p. 30.

³³ *Ibid.*, p. 32.

destacar. Mais o filósofo, o Mestre, o sábio diante da chama supera-se e a sua visão do mundo alarga-se, amplifica-se, enfim, diante do mundo da chama abrem-se os mundos da alma e do cosmos: “A chama é, para ele, um mundo dirigido para a transformação. O sonhador vê nela o seu próprio ser e o seu próprio devir [vir a ser]”³⁴. Pela chama iluminante, o sujeito transforma-se, assim como a sua visão do mundo, pois este tende a mudar à luz do fogo. Diante da chama os limites do sonho, para o filósofo, quebram-se na medida em que ele pode sonhar, devanear com tudo: com a vida e com a morte, com a paz e com a felicidade, com o bem e com o mal, com a luz e com as trevas.

2. A solidão do silêncio diante da chama de uma vela

As imagens mediadas pela experiência do silêncio tornam-se purificadoras do *logos*. Daí que a chama da vela, a chama da candeia, na sua qualidade instigante do devaneio poético, seja inseparável do pensamento. Se a chama clama na sua solidão pelo devaneio e meditação do Mestre, do sábio, é graças ao silêncio que a envolve. Por conseguinte, é neste ambiente propício que o pensamento e o devaneio poético acontecem. Toda a meditação diante da chama de uma vela arrasta consigo um turbilhão de imagens convocadoras de pensamentos alimentadores de uma meditação embebida por todo um silêncio iluminante e convocante do ser.

2.1. A solidão do sonhador, do estudioso e do pensador diante de uma vela acesa

Aquele que medita, aquele que pensa, alimenta-se da chama da vela para tornar as suas vigílias solitárias e silenciosas mais criativas e mais fecundas espiritualmente. A chama solitária, como objeto de devaneio e de meditação, possui uma espécie de personalidade onírica. Se corre o risco de agravar a solidão do sonhador, também pode igualmente contribuir para a sua consolação. Um sujeito que medita encontra, assim, consolo na chama da vela quer para mais profundamente meditar, quer para mais criativamente sonhar desperto. Diante da chama, que queima na sua solidão silenciosa e que gosta de estar só, encontramos os nossos sonhos de pensadores solitários. Incentivado pela chama, aquele que medita é um ser em transformação, um ser em devir em ordem a “tornar-se aquilo que é” para parafrasearmos o verso de Píndaro da segunda ode pítica³⁵. Deste modo,

³⁴ *Ibid.*, p. 33.

³⁵ *Ibid.*, p. 45.

diante da chama, o sonhador con-vive com o seu passado, pensa no seu presente e projeta naturalmente o seu futuro. Neste sentido “Ele sonha, com revolta contra si, naquilo que ele deveria ter sido, naquilo que ele poderia ter feito”³⁶. Porém, é uma revolta que lentamente se esvai, se acalma, se desvanece devido ao efeito das recordações reais e do próprio devaneio. No entanto, tudo isto se passa num clima de reserva solitária e silenciosa. É preciso intensificar este clima de solidão e de silêncio, diríamos mesmo, uma instauração de silêncio, para que o estudo se faça e que a meditação aconteça. Diante da chama da vela não são somente as recordações, proporcionadas pela solidão e pelo silêncio, que se reacendem, no espaço claro-escuro do sábio, do leitor e do estudioso, mas também a centelha do pensamento que, por sua vez, inflamará a inspiração e a meditação. Nada disto, porém, aconteceria se a chama da vela não tivesse o brilho de uma auréola que não só se contenta em iluminar a mão do estudioso, que pode ser também um filósofo escrevendo sobre a folha branca, mas também nele provoca lampejos luminosos para que essa mesma folha se complete de pensamentos que alimentem imaginativamente a meditação. Para que o pensamento dê lugar à meditação, todo um universo solitário e de silêncio interior, que a própria chama da vela proporciona e estimula, tem de alimentar todo aquele que se sente interpelado a conviver com a folha branca. Por outras palavras, não basta só que a solidão se faça em redor do estudioso, do filósofo, e da sua mesa de trabalho, não basta só que haja um silêncio ambiente sóbrio e criador de trabalho intelectual, de trabalho imaginativo, mas uma necessidade outra se impõe – a do silêncio interior porque somente este pode fazer com que “Cada ser despeja ser, um pouco de ser, a sombra do seu ser, no seu próprio não-ser”³⁷.

O milagre que se espera da chama cintilante, enquanto presença viva das vigílias daqueles que pensam, é que ela contribua para que o silêncio interior se torne o húmus florescente de ideias que façam, por sua vez, estremecer todo aquele que ousa pensar. Diante da chama cintilante o ser do sujeito meditativo estremece pela ação do seu silêncio interior que o sacode de tal maneira que ele toma conta desse mesmo sujeito. O silêncio, numa heteronímia criativa, faz ouvir as suas vozes polifónicas e criativas em ordem à instauração de um sentido desvelador das reentrâncias do ser. O silêncio interior, alimentado simultaneamente pela solidão e pelo silêncio exterior, escorre ao longo de toda a interioridade do sujeito, à semelhança de um rio subterrâneo, durante toda uma existência, que pode ser mais ou menos longa, à espera de revelar-se na e pela escrita da folha branca. Uma folha que se se enche por aquele que se perde nos seus devaneios despertados e que generosamente a ela se dá nem que para isso pareça esquecer o mundo familiar que o envolve. Fica como que hipnotizado pelo

³⁶ *Ibid.*, p. 38.

³⁷ *Ibid.*, p. 40.

cintilar da chama, acaba por esquecer-se do mundo para reencontrar “as simplicidades primigénias”³⁸ que alimentam o leito dos seus pensares. Neste sentido, podemos dizer, com Bachelard, que “um sonhador de chama torna-se facilmente um pensador de chama. Quer compreender por que o ser silencioso da sua vela se coloca repentinamente a gemer”³⁹.

Todo o sonhador que faz da chama da vela o seu centro de atenção encontra nela uma companheira de viagem que acompanha também os seus estados de alma. Parece até, por vezes, que a chama adivinha os tremores da alma do estudioso, do filósofo, enfim daquele que à meditação se dedica. Quantas vezes a inquietude do sujeito que estuda, do sujeito que pensa, não se aquieta na companhia da chama azulada no claro-escuro da sala onde se encontra. Quando a inquietude é grande a chama estremece e o seu estremecimento ressoa por toda a sala: “A chama é angustiada, e o sopro na garganta do sonhador tem sobressaltos”⁴⁰. O cintilar da chama seduz o sujeito pensante ao ponto dele afastar-se da folha branca para entrar num outro universo que tenderá, certamente, a inspirá-lo mediante um devaneio poético iluminante e transfigurador: “A chama da vela revela presságios”⁴¹. Anuncia, pela luz que ilumina, novos mundos e estes não raramente se exprimem pela mão do pensador que os regista na folha de papel, mas também a chama pode revelar tristezas e desventuras sem fim... Um silêncio imenso abate-se sobre a sala e acompanha os presságios anunciados pela chama da vela. Silêncio entrecortado pela chama balbuciante que conduz o pensamento ao mais fundo de si mesmo, a uma espécie de poço sem fundo ligado ao cosmos, ao sonho e ao poético. Mas que seria do pensamento sem a solidão e o silêncio interior? Justamente aquele tipo de silêncio, e de solidão, interpelantes do pensador e do estudioso. Não será porventura este tipo de silêncio que o anima o pensador e o estudioso a procurarem, cada vez mais profundamente, a sua paz interior, a sua mansa quietude? Não será este mesmo silêncio a oferecer o mundo silencioso àquele, àquela que a ele se dedica e se empenha? Mundo silencioso aparentado com a morte, essa outra vida plena de mistério e de agonia profundamente solitária e dolorosa, insuportável aos sentidos e à consciência: “A solidão da morte é um assunto demasiado grande de meditação para o sonhador da solidão que eu sou”⁴². Mas nunca esquecendo que toda esta solidão imensa que a morte transporta é sempre acompanhada de um terrífico silêncio que trespassa toda e qualquer possibilidade de respiração esperançosa. Se, como nos diz Gaston Bachelard, “É preciso imaginar a solidão para a conhecer – para a amar ou para dela se proteger, para ser tranquilo ou

³⁸ *Ibid.*, p. 43.

³⁹ *Ibid.*, p. 43.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 44.

⁴¹ *Ibid.*, p. 44.

⁴² *Ibid.*, p. 52.

para ser corajoso”⁴³ exatamente o mesmo se aplica ao silêncio: é preciso imaginá-lo, senti-lo, vivê-lo para melhor o conhecer, para o amor ou para dele nos proteger.

Pelo silêncio nos tornamos corajosos e tranquilos, mas também o inverso não deixa de ser verdade. Tantas e quantas vezes o silêncio solitário, o silêncio da solidão não obscurece o íntimo do ser ao ponto de conduzir o sujeito, qual barca de Caronte, à escuridão da loucura, à aniquilação e obscurecimento da consciência diurna do nosso ser. Solidão e silêncio, um par que combina no claro-obsuro da consciência do sujeito pensante e que lhe pode, certamente, proporcionar devaneios poéticos e pensamentos densamente questionadores da existência e do mundo. Quando tal acontece, o sujeito sente-se confiante em escrever, impelido pela imaginação pensante e, sem disso muitas vezes se aperceber, uma folha branca sucede-se a uma outra e assim sucessivamente. Por isso, acontece que Bachelard pôde assim escrever: “Um homem solitário, na glória de estar só, acredita, por vezes, poder dizer o que é a solidão: mas cada um tem a sua solidão. E o sonhador da solidão não nos pode dar mais que algumas páginas deste álbum do claro-obsuro das solidões”⁴⁴. Não há homem silencioso sem os seus silêncios prolongadamente meditativos e sonhadores, sem as suas recordações claras-obscuras de solidões longas vividas. Se a solidão não é passível de narrar-se, de contar-se, de historizar-se o mesmo acontece com o silêncio vivido e experienciado: “A solidão, diz Bachelard, não tem história. Toda a minha solidão está contida numa primeira imagem”⁴⁵ e nós, pelo nosso lado, escrevemos que o silêncio, que não tem fundo, não é passível também de se contar pela e na palavra, mas tão-somente pela imagens passíveis de serem traduzidas a partir dos sonhos, das recordações e mesmo da experiência do silêncio no deserto, numa floresta, numa ilha como nos relatou Sara Maitland na sua obra em que ela própria testemunha a sua experiência vivida do silêncio durante um tempo longo, onde ela durante 40 dias pôde desfrutar do poder do silêncio: “Eu tinha chegado a Wardale por causa de quatro motivos conscientes: para estudar e ponderar sobre o silêncio, para descobrir se era bom para mim, para aprofundar a minha vida de oração e para escrever melhor”⁴⁶.

A chama de uma vela que acompanha a solidão de um pensador, de um estudioso, de um sonhador não pode deixar de ser alimentada por um silêncio que vai de fora para dentro e de dentro para fora. É por isso que solidão e silêncio se casam bem com o estudo, com o pensar, e, porque não, com o meditar que, em última instância, conduz à contemplação do ser no mundo.

⁴³ *Ibid.*, p. 53.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 53-54.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 54.

⁴⁶ MAITLAND, Sara. *O Livro do Silêncio*. Trad. de Jorge Almeida e Pinho. Alfragide : Estrela Polar, 2011, p. 257.

2.2. A experiência do silêncio no pensamento e no devaneio da chama de uma lamparina ou de uma vela

Gaston Bachelard escreve no epílogo da sua obra *La flamme d'une chandelle* que "A página branca impõe silêncio"⁴⁷. Um silêncio que não condiz com a familiaridade da lâmpada. A página branca, com a sua austeridade, amedronta, como assusta aquele que sente vontade de a ela se dar. A existência torna-se, assim, difícil de começar diante de um folha em branco, como se torna igualmente difícil iniciar a travessia de qualquer deserto do mundo (lembrando aqui o romance *O Deserto dos Tártaros* de Dino Buzzati -1940). Todo o início tem sempre o seu quê de sacrificial. Implica sempre um recomeçar e neste caso é um começar pela escrita. Pela escrita, ao longo das vigílias solitárias, há espaço para o ser renascer e, quantas vezes, re-encontrar-se mediante as aventuras da consciência e do próprio imaginário. A escrita não convoca somente as aventuras da solidão, com o imaginário que lhe está subjacente, e da consciência, mas também do silêncio mediador entre um *logos* e um *mythos*. Um *logos* que lança o ser na escrita, num patamar mais acima, e que é dominado por um ser que habita no seio do "pensamento solitário que trabalha"⁴⁸. O ser da escrita é alimentado pelo ser que sonha, mas ambos têm as suas esferas próprias e o seu modo próprio de se expressarem. Ambos os modos ajudam o estudioso, o filósofo, o escritor a renascer diante da folha branca ao invés de definharem paulatinamente numa espécie de estertor lancinante:

Logo seria preciso, para renascer, diante da página em branco, em plena juventude de consciência, colocar um pouco mais de sombra no claro-escuro das antigas imagens, imagens amarelecidas. Em contrapartida, seria preciso regravar o gravador – regravar, a cada vigília, o próprio ser solitário, na solidão de sua lâmpada, em resumo, ver tudo, pensar tudo, dizer tudo, escrever tudo em primeira existência⁴⁹.

Em presença da folha branca, pousada na mesa pela noite adentro, tendo como companhia a presença de uma lâmpada, atenta à nossa vigília, escreve-se no meio do claro-obsuro não somente o fruto das nossas meditações, mas também a nossa existência nessa mesma folha se grava. Todo um ato solitário e silencioso que toma conta da totalidade do lugar onde me encontro e da meditação escrita, o que leva o próprio Bachelard a falar da "*mesa da existência*" e continua.

Sim, foi na minha mesa de existência que eu conheci a existência máxima, a existência em tensão – em tensão para um adiante, um mais adiante, um acima. Tudo em volta de mim é repouso, é tranquilidade; meu ser só, meu ser que procura o ser, está estendido na inverosímil necessidade de ser um

⁴⁷ BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*, p. 109.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 110.

⁴⁹ *Ibid.* p. 110-111.

outro ser, um mais que ser. E é assim que com o Nada, com os Devaneios [Rêveries no texto], acredita-se que se poderá fazer livros⁵⁰.

Escrever numa página branca, mergulhado na solidão do seu ser, é uma aventura de consciência que se caracteriza por um ser que está acima e não nas profundidades. Um ser que habita o pensamento solitário que trabalha para escrever na página branca durante as vigílias solitárias e silenciosas:

Mas, para escrever na solidão do seu ser, como se se tivesse uma revelação de uma página em branco da vida, seria preciso ter aventuras de consciência, aventuras de solidão. [...] O ser não está abaixo. Está acima, sempre acima – precisamente no pensamento solitário que trabalha. Logo, seria preciso para renascer diante da página branca, em plena juventude de consciência, colocar um pouco mais de sombra no claro-oscuro das antigas imagens, das imagens embaciadas⁵¹.

A citação anterior dá-nos conta que escrever é uma aventura de consciência que incita ao pensar e à escrita diante da página branca iluminada seja pela vela, pela candeia ou pela lâmpada: a mesa onde o trabalho da escrita é feito converte-se na “*mesa da existência*”⁵² como atrás o dissemos. A escrita da página branca é fruto da aventura da consciência, mas tal não impede certamente que os claros-oscuros do inconsciente, do devaneio, estejam ausentes. Assim, o pensamento, alerta-nos Bachelard, não deve ser confundido nem com o sonho, nem com o devaneio: se o sonho e o devaneio pertencem ao reino das profundidades (regime noturno da imagem – Gilbert Durand), o pensamento pertence à consciência (regime diurno da imagem – Gilbert Durand). Escrever é um ato primeiro da consciência, do espírito, ainda que não haja escrita iluminante sem uma inspiração virtuosa saída de uma “*poética do devaneio*” (Gaston Bachelard). No entanto, à medida que escrevo e que penso o meu espírito *re-constrói-se*: “Toda a transformação do pensamento, todo o futuro de pensamento, está numa reconstrução do espírito”⁵³.

Perante a folha em branco cresce a tensão que obriga, quase sempre, o espírito a construir-se e a reconstruir-se à medida que a escrita brota da ponta da caneta iluminada pela lamparina ou pela chama de uma vela. Todo o pensamento que brota por parte daquele que medita, assim como todo o futuro do pensamento, tende a enriquecer o espírito e, por conseguinte, a ajudá-lo a afirmar-se na sua construção e *re-construção*.

⁵⁰ *Ibid.* p. 111. No texto “Rêveries” poderia ser igualmente traduzido por “Fantasias”, mas optamos por usar o termo “Devaneios” em consonância com a tradução da obra de Bachelard intitulada *Poétique de la Rêverie* que foi traduzida por *Poética do Devaneio* na edição brasileira da Martins Fontes (São Paulo).

⁵¹ *Ibid.* p. 110.

⁵² *Ibid.* p. 111.

⁵³ *Ibid.* p. 112.

Mas não parece ser indiferente ao espírito que este ato de reconstrução se faça à luz de uma lamparina, de uma vela ou mesmo de uma lâmpada elétrica. A relação de familiaridade que estabeleço com cada uma delas é de diferente natureza. Por outras palavras, com a chama da vela, mesmo com uma lamparina ou candeia, tendo a votar-lhe uma atenção mais carinhosa, crio mesmo com ela uma cumplicidade que não é passível estabelecer com uma lâmpada elétrica e porquê? A esta interrogação, responde Bachelard: “O momento tinha mais drama quando a lamparina era mais humana”⁵⁴, enquanto com a lâmpada elétrica aceito a mecânica e com esta aceitação se esvazia toda a poética e densidade fenomenológica do ato de iluminar:

Acendendo a velha lamparina, podia-se sempre temer alguma falta de jeito, algum azar. O pavio de uma noite não é em absoluto o pavio de ontem. Se houver falta de cuidado, poderá carbonizar. Se o vidro protetor não estiver bem colocado, a lamparina poderá carbonizar. Tem-se sempre algo a ganhar dando aos objetos familiares a atenção amiga que eles merecem⁵⁵.

A chama que ilumina, provenha ela da vela ou da lamparina, devido à atenção familiar e amiga que aquele que medita lhe devota, torna-se, ao longo das longas vigílias claras-obscuras, uma criatura amiga que, com o transcorrer do tempo, se torna mesmo uma cúmplice fiel e devota. Neste ambiente propício à reflexão aquele que medita tonifica-se, intensifica-se pela lamparina amiga sempre vigilante: “É uma criatura criativa”⁵⁶. Para ela, o ser assim basta. Contenta-se em ter o mérito que ela merece, ou seja, reconhecer-lhe as suas qualidades: vivacidade, símbolo de paz e de tranquilidade. Todas estas qualidades certamente que estimularão não somente a reflexão como o próprio devaneio poético: “Uma boa lamparina, um bom pavio, um bom óleo e eis uma luz que rejubila o coração do homem”⁵⁷. Por outras palavras, a luz, emanada da vela ou da lamparina, estimula e reforça a vontade daquele que medita e incita aquele que deseja penetrar no reino da fantasia:

Ele segue a inclinação de todos os devaneios [ou fantasias] cosmogónicos nos quais cada objeto do mundo é um germe do mundo. (...) Mas esses devaneios sobre as cosmogonias da luz não são mais do nosso tempo. Nós só as evocamos aqui para sinalizar o onirismo desconhecido, o onirismo perdido, o onirismo que, além de tudo, tornou-se matéria de história, saber do antigo saber⁵⁸.

É igualmente interessante saber que quando a chama se torna mais branda parece que o silêncio tende a impor-se com maior veemência a fim de

⁵⁴ *Ibid.* p. 91.

⁵⁵ *Ibid.* p. 91.

⁵⁶ *Ibid.* p. 93.

⁵⁷ *Ibid.* p. 93.

⁵⁸ *Ibid.* p. 93-94.

melhor conviver com o antigo saber. O cenário de uma chama amarelecida azulada evoca a quietude inundante do espaço onde se encontra a mesa da existência para aquele que nela medita: “Para falar do fogo da lamparina, é preciso respirar em paz”⁵⁹ e saborear as imagens boas e simples que da lamparina se desprendem. O sonhador da chama, provenha ela da vela ou da lamparina, tem que paulatinamente aprender a impregnar-se do seu sabor, da sua felicidade, para melhor meditar em paz do claro-obsuro projetado no seu quarto de trabalho: “Parece que a evocação de uma lamparina está certa da ressonância na alma de um leitor que gosta de lembrar. Um halo poético envolve a luz da lamparina no claro-obsuro dos sonhos que reanimam o passado”⁶⁰. O que pretendemos dizer é que se a lamparina representa, para quem dela se serve para estudar e meditar, uma companhia onírica e poética, também é possível que desempenhe o seu papel de catalisadora do pensamento e, por fim, instigadora de um certo silêncio iluminante. O silêncio é uma condição de escuta atenta da leitura de uma palavra sensata e justa que emerge ora dos textos lidos, ora dos textos escritos ao longo da página branca: “A lamparina é o Ser da primeira página”⁶¹. É ela, portanto, que instiga aquele que escreve a lançar as suas palavras nessa mesma página já receptiva à palavra sensata e reflexiva. A página fica assim como prenhe do halo inspirador e profundamente reflexivo do filósofo ou do estudioso, ou seja, daquele que estuda antes de pensar. Tanta solidão, tanto drama, tanto silêncio estão em germe, escondem mesmo, as linhas escritas pela noite acordada adentro ainda que, por vezes, atenuada por uma lamparina longínqua, até mesmo inesperada, que é sempre o sinal de um outro que estuda ou que medita sobre os seus in-fólios: “Mas duas lamparinas de filósofo numa mesma aldeia, é demais, uma está a mais”⁶². E porquê, poder-se-á perguntar na companhia de Bachelard? A esta pergunta, responde Bachelard indo buscar uma expressão à *Poétique de la Rêverie* que tem a ver com o “cogito do sonhador”⁶³: “O cogito de um sonhador cria o seu próprio cosmos, um cosmos singular, um cosmos só dele. O seu devaneio é prejudicado, o seu cosmos é perturbado se o sonhador tem a certeza que o devaneio de

⁵⁹ *Ibid.* p. 98.

⁶⁰ *Ibid.* p. 99.

⁶¹ *Ibid.* p. 100.

⁶² *Ibid.* p. 102.

⁶³ BACHELARD, Gaston. *La poétique de la rêverie*, p. 124-147. A este respeito, Gaston Bachelard estabelece uma diferença entre o “sonho noturno” e o “devaneio”: “Tal é, para nós, a diferença radical entre sonho noturno e devaneio, diferença essa que pertence ao âmbito da fenomenologia: ao passo que o sonhador de sonho noturno é uma sombra que perdeu o próprio eu, o sonhador de devaneio, se for um pouco filósofo, pode, no centro do seu eu sonhador, formular um *cogito*. Noutras palavras, o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência. O sonhador de devaneio está presente no seu devaneio. Mesmo quando o devaneio dá a impressão de uma fuga para fora do real, para fora do tempo e do lugar, o sonhador do devaneio sabe que é ele que se ausenta — é ele, em carne e osso, que se torna um “espírito”, um fantasma do passado ou da viagem” (*Ibid.*, p. 129).

outro opõe um mundo ao seu próprio mundo”⁶⁴. Estas palavras apontam para a necessidade que cada sonhador tem de estar só e de não ser sequer perturbado na sua solidão pela lamparina de outro, ainda que longínqua da sua. A sua solidão não pode ser perturbada, não pode ser violada sob pena do sonhador ficar perdido nos seus devaneios ou, pior ainda, ficar amputado, esvaziado, desses mesmos devaneios. O sonhador encontra, sim, o seu reconforto no silêncio da sua solidão. Quando muito pode sonhar com a solidão do outro, mas não se pode com ela confrontar.

Aquilo que dissemos anteriormente relativamente ao sonhador é válido para todo aquele que medita. Na verdade, toda a meditação, embebida na solidão e no silêncio, faz da chama da lamparina o seu ponto de encontro e de concentração. O pensador, o estudioso, aparece assim como uma espécie de velador da lamparina para que ela não se apague e conserve a sua chama viva à semelhança de um farol no meio das trevas oceânicas: “Toda a meditação tende para este desejo: ‘Detrás da lamparina, permanecia esta alma; esta alma que eu teria querido ser’”⁶⁵. Todo o sonhador e pensador aspiram ao ser e à luz, ainda que por caminhos diferentes, que a dimensão da Altura simboliza: “uma Altura que recebe a dignidade do sagrado”⁶⁶. E cremos chegar aqui a um dos pontos onde nos conduz a experiência do silêncio quando pensamos, quando imaginamos sob a proteção da chama de uma vela ou mesmo de uma lamparina. Este tipo de experiência limite, condição necessária, ainda que possa não ser suficiente, para que o ato de pensar, de imaginar, possam ocorrer criativa e densamente, culmina numa outra experiência da “Altura” que identificamos com a “Altura” do sagrado. Aliás, esta ideia da “altura” está ligada às ideias de “nuvens e silêncio”⁶⁷, de “voo e silêncio”⁶⁸ e, finalmente, à ideia de “montanha”⁶⁹, com a ideia de “paisagem que lhe está associada”⁷⁰ e, além disso, cruza-se com a experiência de silêncio vivida e relatada por Sara Maitland na sua obra intitulada *O Livro do Silêncio* (Maitland, 2011) onde, entre outras passagens, ela escreve:

Qualquer situação extrema, particularmente a que se encontra no silêncio, é capaz de pôr em risco a nossa própria noção de identidade, de domínio de

⁶⁴ BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*, p. 102, Id.1984, p. 148-183. Gaston Bachelard na sua obra *La poétique de la rêverie* dedica um capítulo ao “Devaneio e Cosmos” (Id. 1984, p. 148-183). Id., p. 152 e 164.: “Pela cosmicidade de uma imagem recebemos, portanto, uma experiência do mundo. O devaneio cósmico faz-nos habitar um mundo; dá ao sonhador a impressão de um *em casa* num universo imaginado. O mundo imaginado dá-nos um *em casa* em expansão, o inverso do *em casa* do quarto. [...] a cosmicidade essencial que faz crescer imagens privilegiadas”.

⁶⁵ BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*, p. 104.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 87; ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Trad. de Rogério Fernandes. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, s. d.

⁶⁷ MAITLAND, Sara. *O Livro do Silêncio*, p. 217.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 221-224.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 301-346.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 362.

nós próprios. É a frequência deste perigo arrebatador que me sugere que o silêncio é o lugar, o foco, do encontro radical com o divino, aquilo que o teólogo Martin Buber descreve como (ou até mesmo o) encontro Eu/Tu. [...] O desejo de quebrar o silêncio com o ruído humano constante é, creio eu, precisamente uma forma de evitar o terror sagrado desse encontro divino⁷¹.

Também é de realçar que a relação do silêncio com o sagrado não passou despercebida a David Le Breton. Sobre esta relação o autor observa que a experiência do sagrado é de tal forma radical, iluminante, que aquele que por ela passa fica mudo perante o mistério tremendo e fascinante que, nas palavras de Rudolfo Otto, a ideia de sagrado, como “numinoso”⁷², encerra. Uma das vias privilegiadas de acesso ao sagrado e, por extensão, à ideia de transcendência, ao inefável⁷³, é deveras o silêncio. Este é uma das vias privilegiadas, nomeadamente através da experiência mística cristã de um Mestre Eckhart, de uma Teresa de Ávila, de uma Hildegarda de Bingen, entre outros exemplos, para o sujeito aceder ao próprio sagrado no seio da perturbação que a sua experiência suscita naquele que de alguma forma a vive: “O silêncio é a primeira atitude do homem perante um brilho que o ultrapassa e o perturba”⁷⁴. Trata-se de um silêncio interior que traduz disponibilidade por parte de quem deseja aceder ao reino do inefável ou mesmo à plenitude da transcendência: “O silêncio é uma característica comum da experiência religiosa”⁷⁵.

3. Da necessidade de estudar e de pensar diante de uma chama de uma vela ou de uma lamparina

Acender a vela para estudar, para passar o tempo lendo compenetradamente, eis um programa desafiante para todo aquele que ao estudo e ao pensar se dedica. Defendemos que não pode haver estudo autêntico e fundante que não tenha como base a trilogia logos-imaginário-silêncio. O estudioso se, por um lado, carece da experiência ascética da razão e desta ascética ser contrabalançada pelo devaneio poético, como nos ensinou Bachelard, por outro lado, não poderá dispensar a experiência do silêncio como germinadora criativa do pensamento: «Assim, imagens e conceitos formam-se nesses dois pólos opostos da atividade psíquica que são a imaginação e a

⁷¹ *Ibid.*, p. 107.

⁷² OTTO, Rudolf. *Le Sacré. L'élément non rationnel dans l'idée du divin et sa relation avec le rationnel*. Trad. de André Jundt. Paris : Petite Bibliothèque Payot, 1969.

⁷³ Sara Maitland salienta que uma das qualidades do silêncio é a sua inefabilidade: “A inefabilidade é a sétima sensação que anotei no meu próprio silêncio e que descobri de novo no de outras pessoas” (Id. 2011, p. 108).

⁷⁴ LE BRETON, David (1999). *Do Silêncio*. Trad. de Luis M. Conceiro Feio. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 231.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 232.

razão. Balança-se entre elas uma polaridade de exclusão⁷⁶ que, no entanto, o silêncio procura mediar na sua atitude ontologicamente conciliadora. E esta mesma questão dá que pensar: até que ponto, e de que modo, a experiência do silêncio, nos seus mais diversos lugares (deserto, ilha, floresta)⁷⁷, não é uma bênção catalisadora para fazer germinar o pensamento imaginativo, criativo para outros, onde o estudar mergulhado na solidão silenciosa desempenha uma função crucial.

O próprio ato de estudar encerra já em si mesmo uma experiência de silêncio que nem sempre é valorizada pelo sujeito que estuda e muito menos pela “sociedade do ruído”⁷⁸ que é aquela que condiz com a nossa no seu estado atual. Quando o livro é alumado pela luz da vela não é somente a mensagem que é lida, interpretada, é também o próprio silêncio que é experienciado nesse mesmo ato de estudo e de interpretação: silêncio e palavra encontram-se num abraço interpelativo. O silêncio íntimo e fecundo, que não necessariamente intelectual, convoca a palavra autêntica forjada na trilogia explicação-compreensão-interpretação⁷⁹. Se o livro de estudo é considerado denso, por parte daquele que o lê, ele é um microcosmo que abre para o cosmos e toda esta abertura faz-se na solidão do pensamento e na luz do devaneio poético. Este estado da imaginação, simbolizado pela chama da vela no seu claro-escuro, tantas vezes reconforta a ascese dura e solitária do ato de pensar. Por outras palavras, o trabalho solitário da leitura, do estudar, não cria automaticamente um silêncio salvífico pela simples razão de que se pode estar só, em silêncio forçado, e estar aterrado, amedrontado, ou seja, bloqueado num vazio enorme. O trabalho solitário, à luz de uma vela, do estudar, pode propiciar as condições de um silêncio enriquecedor e iluminante mas tal depende necessariamente de um conjunto de variáveis de contornos nem sempre identificáveis e precisos: “Porque a vela, companheira da solidão, é sobretudo companheira do trabalho solitário. A vela não ilumina uma cela vazia, ela ilumina um livro”⁸⁰. A chama funciona como uma espécie de ilha, no meio da noite, para o naufrago que o leitor tantas vezes parece sê-lo quando solitariamente diante do livro deseja atingir a terra firme do terreno da compreensão: “Sozinho, na noite, com um livro iluminado por uma vela – livro e vela, duplo ilhéu de luz, contra ambas as trevas do espírito e da noite”⁸¹.

⁷⁶ BACHELARD, Gaston. *La poétique de la rêverie*, p. 47.

⁷⁷ MAITLAND, Sara. *O Livro do Silêncio*, p. 211-256.

⁷⁸ SARAH, Robert; DIAT, Nicolas. *The Power of silence. Against the Dictatorship of Noise*. San Francisco: Ignatius Press, 2017.

⁷⁹ RICOEUR, Paul. *Do Texto à Acção*. Trad. de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés Editora, s.d., p. 141-162, p. 185-212; Id. *Teoria da Interpretação*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: edições 70, 1987, p. 83-99.

⁸⁰ BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*, p. 54.

⁸¹ *Ibid.*, p. 54-55.

Estudar e pensar, como nos ensina Bachelard, não são sinónimos. Há aqueles que pensam, privilégio de poucos, sem estudar e há aqueles que estudam, privilégio de muitos, sem ousar pensar, ou seja, sem ousar saltar a barreira do literal e do sentido óbvio. Para a grande maioria é uma obrigação estudar antes de ousar pensar. E porquê? Porque são raros aqueles que pensam, originária e originalmente, fora da tradição do pensamento e das ideias forjadas ao longo de séculos:

Eu estudo! Eu sou o sujeito do verbo estudar, Pensar eu não ousar. Antes de pensar, é preciso estudar, Somente os filósofos pensam antes de estudar. Mas a vela apagar-se-á antes que o livro difícil seja compreendido. É preciso aproveitar o tempo da luz da vela, das grandes horas da vida estudiosa. Se eu levanto os olhos do livro para observar a vela, em vez de estudar, eu sonho. Então as horas alternam na vigília solitária. As horas se alternam entre a responsabilidade de saber e a liberdade dos devaneios, esta liberdade fácil demais de um homem solitário⁸².

O trabalho de ler, de estudar, não se faz de costas voltadas para os devaneios dos outros. As suas imagens enriquecem as minhas, ajudam a colorir as minhas e até podem ser inspiradoras de todo um trabalho de leitura feito à pequena luz da chama da vela. Ler e meditar à luz da vela não deixa aquele que o faz indiferente quer no plano do trabalho intelectual, quer no plano do devaneio poético: “O ser sonhando concentra-se para recordar-se do ser que trabalhava”⁸³. É reconfortante e nostálgico re-viver os tempos em que assim se estudava e se escrevia ao longo de uma folha branca numa tinta preta ou azulada que teimosamente iluminava o branco do papel tendo a solidão com companhia amena: “O verdadeiro espaço do trabalho solitário é, num quarto pequeno, o círculo iluminado pela lâmpada”⁸⁴. A lâmpada tem a qualidade de refazer as solidões sentidas ao longo do estudo e da escrita, de impregná-las de coragem luminosa e salvífica ao ponto da solidão daquele que ao estudo se dedica se dissipar numa levada após uma recordação já distante. Assim, nunca é demais falar do mistério da página branca, da solidão que ela tantas vezes inspira e do próprio silêncio que impõe. Uma folha branca aparentada com a imagem de todo um deserto que é preciso atravessar, e que às vezes nunca é atravessado:

A solidão aumenta se, sobre a mesa iluminada pela lâmpada, se expõe a solidão de uma página em branco. A página em branco, esse grande deserto a ser atravessado, nunca atravessado. Esta página branca que continua branca a cada vigília não é o grande sinal de uma solidão sem fim recomeçada? A solidão se obstina contra o solitário quando é aquela de um trabalhador que não somente quer instruir-se, que não somente quer pensar, mas que *quer escrever*. Então a página branca é um nada, um doloroso nada, o nada da escrita⁸⁵.

⁸² *Ibid.*, p. 55.

⁸³ *Ibid.*, p. 107.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 108.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 108-109.

Uma página branca chama pela escrita e, quando isso acontece, o autor diz-nos que ela é demasiado branca e vazia para se começar realmente a sentir a existência. Ela tende a deixar mudo e quieto o solitário da escrita. A solidão parece tomar conta daquele que quer pensar e deseja escrever: “A página branca impõe silêncio. Ela contradiz a familiaridade da lâmpada”⁸⁶. Assim, existe como uma espécie de tensão entre o polo da lâmpada e o polo da página branca, como salienta Gaston Bachelard⁸⁷, que divide o pensador dividido e, por conseguinte, faz com que o silêncio apareça aos olhos do pensador, também do escritor também que escreve, como hostil.

E, para terminarmos, não podíamos deixar de salientar que aquilo que pode ajudar à transformação do pensamento e, por conseguinte, a uma reconstrução espiritual é a leitura silenciosa⁸⁸, tal como ela é praticada, por exemplo, pela Ordem Trapista que, na sua vida contemplativa e silenciosa, sob o signo do *Ora et Labora*, dedica à leitura silenciosa o melhor de si. Naturalmente que a leitura silenciosa se faz também noutros lugares, como é o caso mais comum da leitura privada, mas aquilo que nos interessa realçar é mais o modo comprometido como os monges, em estrita observância, têm com o livro e, conseqüentemente, com a leitura. Estabelece-se, assim, uma espécie de intercâmbio idílico entre aquilo que se lê e aquilo que é lido, mais concretamente com o objeto de leitura. Podemos mesmo dizer que este intercâmbio oferece uma “experiência de uma relação em silêncio”⁸⁹. Esta experiência pode tornar-se deveras significativa na formação da leitura comprometida. Não é, contudo, desprecioso recordar que através do silêncio é possível que aquele que a ela se dedica comece mesmo a ler de uma nova forma: uma vida silenciosa prolonga-se pela leitura adentro transformando não só a natureza da leitura como a do próprio leitor. Por outras palavras, implica, na sua verdadeira acepção, uma leitura silenciosa profundamente comprometida de modo a que aquele que lê se dê integralmente ao texto que lê. Por outras palavras, interessa que aquele, ou aquela, que lê seja pela leitura capturado, ou até por ela trespassado. Não é uma tarefa fácil porque estudar requer uma atitude crítica sistemática e uma disciplina intelectual que só se adquire naturalmente com uma prática empenhada para superar um problema: “Estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema. (...) Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar e não repetir o que os outros dizem”⁹⁰. Uma leitura deste tipo suscita a curiosidade e a criatividade. A leitura silenciosa não pode ser

⁸⁶ *Ibid.*, p. 109.

⁸⁷ *Ibid.*, p.109.

⁸⁸ MAITLAND, Sara. *O Livro do Silêncio*, p. 202-210.

⁸⁹ PHILLIPS, Adam. *Promises, Promises. Essays on Psychoanalysis and Literature*. London. Faber & Faber, 2002, p. 373-375.

⁹⁰ FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam*. 26ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1991, p. 57.

ingênuo, visto que o seu objetivo reside em apropriar-se do significado mais profundo da substância do lido, ou, se se quiser, da alma do texto lido: “Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado”⁹¹. Daí a necessidade de haver uma dialética ativa e dinâmica entre o leitor e o texto que ele lê em ordem à apropriação do seu significado nuclear. Para isso é importante que se crie uma espécie de empatia entre ambos. Por isso mesmo, podemos dizer que se a leitura silenciosa nos abre as portas do silêncio, sendo já este a condição da leitura que o suscita e o promove, de igual modo nos abre as janelas para o mundo: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”⁹². E assim sendo ambas as leituras – a do mundo e a da palavra – se completam em uníssono sob a proteção acolhedora da chama de uma lamparina, enfim, mesmo de uma vela!

A modos de conclusão

O propósito do estudo que estamos finalizando, a leitura de *La flamme d'une chandelle* centrado no par luz-silêncio, procurou, à sua maneira, contribuir para “Sonhar os devaneios e pensar os pensamentos” que, como citamos no início, são sempre duas disciplinas difíceis de equilibrar. “Pensar os pensamentos” implica, não o duvidamos, uma certa ascese espiritual que dê naturalmente conta do trânsito entre a reflexão, a meditação e a contemplação. Não se trata, a nosso ver, de duas disciplinas antagônicas, mas antes complementares, o que não significa necessariamente uma síntese, pois quer o conceito quer a imagem falam dos seus lugares próprios como nos adverte o próprio Bachelard:

Entre o conceito e a imagem, nenhuma síntese. E nenhuma filiação; sobretudo essa filiação, sempre dita, nunca vivida, pela qual os psicólogos fazem o conceito sair da pluralidade das imagens. Quem se entrega com todo o seu espírito ao conceito, com toda a sua alma à imagem, sabe muito bem que os conceitos e as imagens se desenvolvem sob duas linhas divergentes da linha espiritual. Talvez seja bom excitar uma rivalidade entre a atividade conceptual e a atividade da imaginação. Em tal caso, só se encontra desengano se se pretende fazê-las cooperar. A imagem não pode fornecer matéria ao conceito. O conceito dando uma estabilidade à imagem asfixiá-lhe-ia a vida⁹³.

⁹¹ *Ibid.*, p. 57.

⁹² *Ibid.*, p. 11-12.

⁹³ BACHELARD, Gaston. *La poétique de la rêverie*, p. 45.

Admitindo que a questão da síntese entre conceito e imagem não se possa colocar, tal, contudo, não impede que a seiva da imaginação transfigurante possa, ainda que de diferentes modos e níveis de profundidade, irrigar o espaço da consciência diurna sob pena dela se estiolar em labirínticas elucubrações. Daí pensarmos que o ideal, sob o signo da chama de uma vela ou de uma lamparina, será não encarar a luz da vela como se de uma mera metáfora se tratasse, mas antes como um catalisador e propulsor de imagens em ordem não só a uma “poética do devaneio”⁹⁴ como também em ordem a uma “imaginação criadora”⁹⁵ inseparável de uma “poética dos contrários”⁹⁶ (o conceito (diurno) e a imagem (noturno)). Para que o ato de pensar aconteça, importa não o desligar de uma “poética do devaneio”⁹⁷ que a chama da vela justamente proporciona. Pensamos ser uma ilusão separar a vocação do pensar (do domínio da lógica discursiva e do conceito abstrato) da vocação da imaginação e a sensibilidade às imagens (do domínio mais afetivo). E isso porquê? A resposta poderia ser, entre outras, que pensamento teria a ganhar se se deixasse banhar pelas chamadas “hormonas da imaginação”⁹⁸ (o pólo noturno da alma) e vice-versa. Caso se assista a irreduzibilidade de diálogo entre ambas as dimensões, arriscamos dizer que os conceitos bem podem degenerar em dogmas fundamentalistas (um pensamento estéril, insípido e despido de impulso criativo), assim como uma hipertrofia das imagens comprometerá a força analítica e diurna do ato de pensar. À ilusão que é radicalizar a oposição, ou a incomunicabilidade, entre o diurno (Conceito-*Logos*) e o noturno (Imagem-*Mythos*) contrapomos a força poética do devaneio despertada pelas páginas lidas e relidas dos infólios à luz de uma chama pela noite adentro e que o nosso estudo fortemente inspirado pela *La flamme d'une chandelle*, não deixou de recordar. Uma recordação que constitui um impacto imaginativo e reflexivo mesmo nos tempos de hoje cujo estudo aturado, embora revestindo-se de formas tão diversas daquelas do tempo da obra citada, não deixa, contudo, de comungar da mensagem veiculada pela obra bachelardiana que nos serve de inspiração. É pois sob o signo da imaginação criadora que o pensar fundante se afirma como densamente pregnante e revelador de novos caminhos para o sujeito reflexivo. Este mesmo pensar aguarda o momento oportuno (*Kairos*) para se plasmar criativamente no papel em branco diante da solidão do estudioso em devaneio

⁹⁴ BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*.

⁹⁵ WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Gaston Bachelard. Poétique des Images*. Paris: Mimesis France, p. 243-246.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 48-54.

⁹⁷ Pensamos no título do livro de Gaston Bachelard já citado anteriormente.

⁹⁸ Leia-se BACHELARD, Gaston. *L'Air et les Songes. Essai sur l'imagination du mouvement*, p. 19: « Nous n'avons donc pas tort, croyons-nous, de caractériser les quatre éléments [terra, ar, água e fogo] comme les hormones de l'imagination. Ils mettent en action des groupes d'images. Ils aident à l'assimilation intime du réel dispersé dans ses formes. Par eux s'effectuent les grandes synthèses qui donnent des caractères un peu réguliers à l'imaginaire. En particulier, l'air imaginaire est l'hormone qui nous fait *grandir* psychiquement ».

poético. O nosso trabalho intelectual (reflexão-meditação-contemplação) carece de imagens inspiradoras (Jung diria de arquétipos ou de imagens arquetípicas) para que não corramos o risco de nos afastarmos de um silêncio fecundo e autenticamente imaginativo em que a chama de uma vela, de uma candeia ou de uma lamparina, possa sempre servir de catalisador de ideias rejuvenescidas e esperadas.

Por fim, a imaginação criadora bachelardiana sente-se amplamente reconfortada com o aconchego da imagem de uma candeia acesa no seio de um silêncio inspirador, ainda que solitário. Uma imagem aparentemente solitária que é já um prenúncio de uma pluralidade de novas imagens ainda que de diferente valor simbólico e afetivo. Na verdade, sempre acontece que aquele que medita carece de um estímulo para sonhar as palavras que escreve ora mais em torno de um *Animus*, ora mais em torno de uma *Anima*⁹⁹ e esse estímulo, é bom dizê-lo, não advém necessariamente do divórcio entre a razão e a imaginação, mas antes de o sujeito estudioso com elas dialogar, por elas se deixar apalavrar. Parafraseando Fernando Pessoa: “O que em mim imagina está pensando”¹⁰⁰, e porque não completar dizendo também que aquilo que em mim pensa está imaginando! Que já é outra maneira de dizer, na companhia do poeta, “Ah, poder ser tu, sendo eu! Ter a tua alegre inconsciência, E a consciência disso”¹⁰¹.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *La poétique de la rêverie*. 8^e édition. Paris : PUF, 1984.

BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*. 3^e édition. Paris : PUF, 1996.

BACHELARD, Gaston. *L'Air et les Songes. Essai sur l'imagination du mouvement*. Paris : Le Livre de Poche, 2004.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Trad. de Rogério Fernandes. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, s. d.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam*. 26^a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

⁹⁹ BACHELARD, Gaston. *La poétique de la rêverie*, p. 48-83.

¹⁰⁰ Estamos a pensar no poema de Fernando Pessoa intitulado “Ela Canta, Pobre Ceifeira” onde mais concretamente se lê: “Ah, canta, canta sem razão! O que em mim sente ‘stá pensando. Derrama no meu coração//A tua incerta voz ondeando!” (1980: 111).

¹⁰¹ A estrofe pertence igualmente ao poema “Ela Canta, Pobre Ceifeira”. O que significa, portanto, que as imagens pregnantas, tornadas símbolos (*Sinnbild*), emergem à consciência do sujeito pensante a partir das profundezas da psique, o que em termos junguianos seria desde o “inconsciente coletivo”. O sujeito tem consciência do sentido (*Sinn*) sob o fluxo das imagens (*Bild*) que afloram numa espécie de “alegre inconsciência”.

- GOETHE, Johann Wolfgang von. Selige Sehnsucht. In: *Westöstlicher Divan*. Hamburger Ausgabe, vol.2. Hamburg: Wegener Verlag, 1965.
- LE BRETON, David. *Do Silêncio*. Trad. de Luis M. Conceiro Feio. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- MAITLAND, Sara. *O Livro do Silêncio*. Trad. de Jorge Almeida e Pinho. Alfragide : Estrela Polar, 2011.
- OTTO, Rudolf. *Le Sacré. L'élément non rationnel dans l'idée du divin et sa relation avec le rationnel*. Trad. de André Jundt. Paris : Petite Bibliothèque Payot, 1969.
- PESSOA, Fernando. *Poesias*. 11^a ed. Lisboa : Edição Ática, 1980.
- PHILLIPS, Adam. *Promises, Promises. Essays on Psychoanalysis and Literature*. London. Faber & Faber, 2002.
- PINDARE. *Pythiques*. Tome II. Trad. de Aimé Puech. Paris. Les Belles Letres, 1966.
- RICOEUR, Paul. *Do Texto à Acção*. Trad. de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés Editora, s.d.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: edições 70, 1987.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *La vie des images*. Grenoble : PUG, 2002.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Gaston Bachelard, Poétique des Images*. Paris : Mimesis France.

Endereço do Autor:

Universidade do Minho – Instituto de Educação
Campus de Gualtar
4710-057 Braga, Portugal
afaraujo@ie.uminho.pt